

**TEMAS E/OU QUESTÕES SOBRE SEXUALIDADE DE INTERESSE DE  
ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE RIO  
BRANCO - ACRE**

**TOPICS AND/OR QUESTIONS ON SEXUALITY OF INTEREST TO HIGH  
SCHOOL STUDENTS FROM A PUBLIC SCHOOL IN RIO BRANCO - ACRE**

Pedro Raimundo Mathias de Miranda<sup>1\*</sup>, José Moisés Alves<sup>2</sup>

1. Universidade Federal do Acre/Colégio de Aplicação
2. Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Matemática e Científica

\* Autor correspondente: e-mail [pr\\_mathias@yahoo.com.br](mailto:pr_mathias@yahoo.com.br)

**RESUMO**

A Educação Sexual intencional na escola pode possibilitar ao/à estudante da Educação Básica, oportunidades para ampliar o conhecimento sobre a sexualidade, a compreensão de aspectos da própria personalidade e sua inserção no mundo. O objetivo deste trabalho foi conhecer temas relacionados à sexualidade de interesse de estudantes adolescentes do Ensino Médio, durante a construção do cenário social da pesquisa “Educação Sexual na Escola: sentidos subjetivos do sujeito que aprende em uma escola pública de Rio Branco, Acre”. As informações foram produzidas por interessados/as e participantes do referido cenário, durante a divulgação da realização da investigação, palestra para a comunidade escolar sobre “Educação Sexual intencional na escola”, inscrição dos/as interessados/as em participar das atividades e no primeiro encontro com os/as participantes selecionados/as. As informações produzidas foram analisadas de modo exploratório-descritivo, sem a necessidade de estabelecer categorias de classificação. Os resultados indicam que os/as adolescentes têm interesse em temas relacionados à relação sexual e prevenção de IST e gravidez, alusivos ao componente biológico da sexualidade. Existem também interesses de saber ou compreender, por exemplo, sobre diversidade sexual, repressão sexual na escola, como informar à família e/ou lidar com questões relativas à orientação sexual, a influência da sociedade e da religião na expressão da sexualidade, inerentes aos componentes psicológico e social desta dimensão humana. De modo geral, os adolescentes demonstraram interesse e/ou necessidades de obter informações, orientações e dialogar sobre temas/questions da sexualidade, como meio de ampliar conhecimentos, compreender sentimentos e nortear a vivência da própria sexualidade.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Cenário Social da Pesquisa. Epistemologia Qualitativa.

**ABSTRACT**

Intentional Sex Education in school can provide the Basic Education student with opportunities to amplify their knowledge about sexuality, the comprehension of aspects of their own personality and how they are inserted in the world. The aim of this study was to understand topics related to sexuality that are of interest to high school students, acknowledged during the construction of the social scenario in "Sex Education in School: subjective senses of the learning subject from a public school in Rio Branco, Acre". The data was produced by stakeholders and participants of the referred scenario, during the promotion of the lecture "Intentional Sex Education in school", held for the school community, the registration of those interested in participating in the activities and on the first encounter with the selected participants. The data was then analyzed in an exploratory descriptive way, without the need of establishing classification categories. The results indicate that teenagers are interested in topics related to intercourse and the prevention of STIs and pregnancy, alluding to the biological component of sexuality. There is also an interest in knowing or comprehending, for example, sexual diversity, sexual repression at school, how to inform the family/deal with matters related to their own sexual orientation, the influence of society and religion on the expression of sexuality, all of these inherent to the psychological and social components of this human dimension. Overall, the teenagers showed interest and/or the need to obtain information's, orientations and to dialog about topics/questions on sexuality, to amplify their knowledge, comprehend feelings and guide the experience of their own sexuality.

**Key words:** Sex Education. Social Scenario of the Research. Qualitative Epistemology.

## 1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, entendemos a sexualidade como um fenômeno complexo, subjetivo, essencialmente humano, que se desenvolve nas relações do cotidiano, de acordo com a cultura e as experiências acumuladas ao longo da existência. É expressa nas atitudes e representações individuais e sociais de homens e mulheres, por exemplo, na busca do bem-estar, afeto, cumplicidade, prazer, por meio de pensamentos, sentimentos e atitudes, bem como nas práticas sexuais e outros modos de expressão do erotismo humano [1-3].

Dessa perspectiva, pela imersão do sujeito em seu meio social, a Educação Sexual consiste em toda e qualquer ação ou experiência ao longo do desenvolvimento do ser humano que resulta na construção de valores, sentimentos, emoções, comportamentos, conhecimentos e reflexões que orientam e/ou normatizam a expressão e vivência da sexualidade [4]. No entanto, na adolescência, a abordagem sobre a sexualidade na família e na escola abrange, geralmente, aspectos do componente biológico em seu viés conceitual, com foco na prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez precoce e/ou indesejada.

Mesmo com a abordagem biológica permeando o discurso sobre a sexualidade no meio familiar e escolar, diversos estudos sobre o nível de conhecimento dos adolescentes quanto à puberdade, o próprio corpo/organismo, sexo e sexualidade, prevenção da gravidez e IST, indicam a carência de informações e/ou conhecimentos inadequados, devido, entre outros, à falta de diálogo e eficiência da educação sexual na família e na escola [5-9].

Quanto à iniciação sexual, esta tem acontecido cada vez mais cedo, entre 10 e 15 anos, com os rapazes iniciando a vida sexual mais cedo que as adolescentes [10-13]. Na maior parte dos casos, as primeiras experiências sexuais dos/as adolescentes acontecem sem o uso do preservativo ou outro método contraceptivo, contribuindo para a vulnerabilidade dos/as mesmos/as às IST e gravidez não desejada [11, 13, 14].

A Educação Sexual ou em Sexualidade se constitui um direito de todos os indivíduos desde a infância, garantido pela Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Declaração dos Direitos Sexuais e Reprodutivos [15]. Desse sentido, somos favoráveis à existência de espaços de diálogo na escola e na família para que crianças e adolescentes possam obter informações e orientações sobre diversos aspectos e/ou questões relacionadas à sexualidade, para que possam por meio do diálogo, ressignificar suas experiências e discursos, rever conceitos e preconceitos, de modo a construir os fundamentos para expressão e vivência da sexualidade com base no afeto, no prazer, no respeito e no cuidar de si e do outro [3].

Este trabalho<sup>1</sup> teve por objetivo conhecer temas relacionados à sexualidade de interesse de estudantes adolescentes do Ensino Médio, durante a construção do cenário social da pesquisa “Educação Sexual na Escola: sentidos subjetivos do sujeito que aprende em uma escola pública de Rio Branco, Acre”.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO E PERCURSO METODOLOGICO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa com base na Epistemologia Qualitativa proposta por González Rey [16] para estudos e investigações que envolvem a utilização ou aplicação da Teoria da Subjetividade [16-18], pela qual a subjetividade expressa “[...] a complexidade da constituição psicológica humana nas condições da cultura e vida social” [19].

Considerando os princípios da Epistemologia Qualitativa, a produção do conhecimento resulta de um processo construtivo-interpretativo, de responsabilidade do pesquisador/a e ao longo do desenvolvimento das atividades da pesquisa. O referido processo é caracterizado pela produção e análise contínua das informações, juntamente com a (re)definição de indicadores e hipóteses que irão resultar na produção de um modelo teórico, construído no decorrer da pesquisa ou trabalho de campo [16].

Para isto, a implantação do cenário social da pesquisa é uma etapa da investigação caracterizada pela aproximação e contato inicial do/a pesquisador/a com os/as possíveis participantes no local onde ocorrerá a investigação, em busca de estabelecer uma relação de confiança e despertar o interesse dos/as mesmos/as para participar das atividades, além de ser um momento em que “[...] já podem aparecer informações significativas sobre o problema que estudamos” [16]

Desse sentido, a construção do cenário social da pesquisa requer um olhar sensível e criativo do/a pesquisador/a para com os/as possíveis participantes, de modo que estes/as se integrem no processo de investigação, por meio da interação entre pesquisador/a e pesquisados/as [20].

Para realização do trabalho de campo, como parte da construção do cenário social, realizamos quatro momentos com os/as possíveis participantes e outros integrantes da unidade de ensino onde a investigação foi realizada. Neste trabalho, consideramos apenas as informações produzidas inicialmente pelos/as interessados/as e participantes da pesquisa, isto

---

<sup>1</sup> Parte da tese de doutorado do primeiro autor, sob a orientação do segundo autor.

é, no primeiro momento, os/as estudantes foram informados da realização da pesquisa e consultados quanto ao interesse de participarem da mesma.

Em um segundo momento, foi proporcionado aos/às estudantes, possíveis participantes da pesquisa, seus familiares, alguns/mas servidores/as e docentes da escola, uma breve reflexão sobre a “*Educação Sexual intencional na Escola*”, por meio de uma palestra sobre aspectos da sexualidade humana, importância e possíveis benefícios da educação sexual intencional na escola. Ao final, os/as participantes foram convidados a fazer questionamentos por escrito em tarjetas de papel e sem a necessidade de identificação, sobre os aspectos abordados e/ou quanto a vivência e expressão da sexualidade.

O terceiro momento consistiu no preenchimento da ficha de inscrição dos/as interessados/as em participar da pesquisa. Além de dados pessoais, responderam questões sobre o porquê do interesse pelo tema, com quem, geralmente, conversam sobre aspectos relacionados à sexualidade, porque consideram importante a educação sexual na escola e quais os motivos que deveriam ser considerados para serem selecionados.

O quarto momento aconteceu no primeiro encontro com os/as participantes selecionados/as, realizado em 16 de outubro de 2016, onde os/as mesmos/as foram convidados a expressar suas expectativas, dúvidas e temas ou assuntos que gostariam que fossem discutidos durante a realização das atividades de intervenção-pesquisa. Foi solicitado ainda que indicassem as regras para compor o Contrato Didático, que serviria para “orientar” o comportamento dos/as participantes durante os encontros para realização das atividades.

Das informações produzidas nos quatro momentos da construção do cenário social da pesquisa, realizamos uma análise exploratória-descritiva que reflete aspectos relativos às concepções de adolescentes, estudantes do Ensino Médio de uma escola pública de Rio Branco, Acre, quanto ao interesse e/ou necessidade de atividades pedagógicas de Educação Sexual ou em Sexualidade intencional na escola.

O projeto de pesquisa foi submetido à avaliação e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Acre (UFAC), sob o parecer substanciado de número 1.942.952.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A construção do cenário social da pesquisa pode ocorrer por meio de um espaço de comunicação e participação reflexiva e dialética a respeito do tema, objetivos, recursos,

instrumentos e proposta de atividades da pesquisa, bem como, um momento para responder às dúvidas dos/as possíveis participantes. Além de contribuir para despertar o interesse e a motivação dos/as interessados/as, favorece a familiarização dos/as mesmos/as com a temática e para que se sintam e se vejam como participantes ativos/as no curso da pesquisa [16, 20].

O primeiro contato com os/as estudantes da primeira e segunda série do Ensino Médio, possíveis participantes da pesquisa, foi realizado em 14 de setembro de 2016, para informá-los/as sobre a realização do projeto e fazer uma consulta prévia sobre o interesse dos/as mesmos/as em participar das atividades. A consulta foi feita por escrito e de modo anônimo, onde indicaram o interesse, a disponibilidade (dia e horário) e o provável consentimento do pai, mãe ou responsável quanto à participação.

De um total de 78 estudantes consultados/as, 78,2% afirmaram ter interesse e, destes, apenas um/a assinalou que não teria o consentimento do pai ou mãe para participar das atividades. Dos que afirmaram não ter interesse, mesmo sem ter sido solicitada uma justificativa, 23,5% apontaram a falta de tempo, por estarem estudando para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Na palestra sobre “*Educação sexual intencional na escola*” foram feitas considerações e problematizações sobre sexo e sexualidade, idade média dos/as adolescentes em sua primeira relação sexual, uso do preservativo e outros métodos contraceptivos. Também, sobre possíveis riscos e consequências da gravidez e da prática de *sexting* na adolescência, violência sexual contra crianças e adolescentes, mulheres, *gays*, lésbicas, bissexuais e transexuais, com base em dados de pesquisas e/ou reportagens a nível local e nacional.

Dos questionamentos feitos pelos/as estudantes, percebemos inquietações dos/as mesmos/as sobre como falar de sua orientação sexual para a família, como assumir e/ou manifestar a orientação sexual na escola sem sofrer *bullying*, críticas, discriminação e preconceito por parte dos/as colegas e/ou alguns/mas servidores/as da escola que, geralmente, analisam as expressões da sexualidade na escola, com base em suas crenças e valores pessoais.

Alguns/mas estudantes quiseram saber como diferenciar identidade de gênero de orientação sexual, se ocorrem mudanças corporais após a primeira relação sexual, como fazer uso da pílula do dia seguinte em caso de “incidentes” com o preservativo durante o ato sexual, como a sexualidade pode ser definida na perspectiva LGBT (lésbicas, *gays*, bissexuais e travestis) e qual a diferença entre orientação sexual e educação sexual. Houve ainda questionamentos sobre uma ocorrência na escola, em que um aluno foi impedido de ter acesso

à sala de aula por estar usando batom e que seu comportamento poderia influenciar outros alunos, especialmente, as crianças do gênero masculino.

Os questionamentos feitos pelos/as estudantes, possíveis participantes da pesquisa, explicitam a necessidade da realização de atividades de educação sexual intencional pela escola, como meio de promover a compreensão dos/as mesmos/as (e demais membros da comunidade escolar) sobre o que é a sexualidade, em sentido amplo. Também, seus componentes e modos de expressão e vivência para além do componente biológico, da genitalidade e relação sexual, das questões de gênero e diferentes modos de expressão de “ser homem” e “ser mulher” na sociedade atual e não somente aqueles que normatizam o comportamento “adequado”, com base na dualidade do sexo biológico/gênero, ou seja, macho/homem e fêmea/mulher.

Abordar questões e/ou temas relativos à sexualidade e gênero na escola, em uma perspectiva de abordagem emancipatória, não é uma tarefa simples e nem fácil, pois, não se pode deixar de considerar e problematizar a riqueza dessas dimensões humanas, com todos seus significados, valores e costumes histórica e socialmente construídos.

Das informações produzidas pelo preenchimento da ficha de inscrição pelos/as interessados/as em participar das atividades da pesquisa, verificamos que os/as candidatos/as preferem conversar, geralmente, com os/as amigos/as da escola, a mãe ou outro familiar (pai, irmão ou irmã) e, raramente, com os/as professores/as. De modo geral, conversaram sobre questões ou aspectos relativos a cuidados e prevenção da gravidez e/ou IST, uso do preservativo, primeira relação sexual, motivos da gravidez e preconceito devido às expressões e vivências da orientação sexual.

Quanto a importância da realização de atividades de ES intencional na escola, a maioria dos/as candidatos à participante da pesquisa, apontou a necessidade de obter informações, respostas para suas dúvidas e/ou ampliar os conhecimentos sobre, por exemplo, a prevenção e cuidados durante o ato sexual para evitar a gravidez e/ou IST, o que é preciso para ter uma sexualidade saudável e segura, o que é “certo” e “errado” nas expressões e vivências da sexualidade, no sentido de orientação sexual.

No primeiro encontro, após informar sobre o objetivo geral, os recursos, as modalidades didáticas, o número previsto de encontros, o sigilo dos dados pessoais, a apresentação dos instrumentos que seriam utilizados na pesquisa e orientar sobre outras questões, os/as participantes expressaram suas expectativas, dúvidas e temas que gostariam que fossem discutidos.

As regras propostas pelos/as participantes da pesquisa para compor o Contrato Didático evidenciaram o desejo de que os diálogos sobre a sexualidade ocorressem com base na ética, coerência e seriedade durante as conversações e outras atividades da pesquisa. Com o devido respeito e cuidado para com as opiniões e a sexualidade dos/as colegas, sem ofensas ou julgamentos das ideias e/ou comportamentos. Também, que todos/as tivessem compromisso com a aprendizagem, não levassem dúvidas para casa e pudessem estabelecer um diálogo franco e aberto com todos/as sobre o tema.

Os aspectos apontados acima indicam a necessidade de comprometimento e moderação por parte dos/as participantes da pesquisa para com o tema e as discussões propostas, bem como, o reconhecimento da importância da realização das atividades para suas vidas, considerando que, no contexto familiar, poucos/as afirmaram ter oportunidade dialogar ou receber orientações ou informações do pai, mãe e/ou outros familiares, quanto às questões relativas à expressão e vivência da sexualidade.

Nas atividades pedagógicas de educação sexual intencional na escola, a construção coletiva do contrato didático possibilita aos/às participantes proporem as regras de convivência, considerando as perspectivas do grupo quanto ao tema e o modo que os assuntos serão discutidos. Contribui ainda para estimular nos/as participantes, pensar os limites da ação, evitando o desgaste do/a educador/a ou responsável pela realização da atividade com os/as participantes, pela não imposição de normas ou regras de convivência que deveriam ser observadas pelos/as participantes [21].

Das expectativas apontadas pelos/as participantes presentes no primeiro encontro, identificamos a necessidade de obter/ampliar conhecimentos, ideias e opiniões sobre a sexualidade, poder dialogar com segurança e/ou falar da própria sexualidade. Obter respostas para dúvidas como, por exemplo, quanto aos “cuidados” para prevenir uma gravidez indesejada e/ou IST, se poderiam conversar abertamente sobre todos os assuntos e questões referentes ao tema, sem o receio de sofrer discriminação ou julgamento por suas ideias e/ou questionamentos.

De modo geral, as expectativas demonstraram os anseios dos/as adolescentes/participantes da pesquisa para dialogar e/ou receber informações e orientações sobre a sexualidade, em sentido amplo, pelo fato de ser a mesma uma dimensão indissociável do fato de sermos humanos e perpassar todas as esferas da vida cotidiana [22].

Dos assuntos e dúvidas indicados pelos/as inscritos/as e/ou participantes da pesquisa existem aqueles que evidenciam uma concepção de educação sexual prescritiva, que objetiva normatizar ou regular comportamentos, desejos e sentimentos com base em uma noção de

sexualidade genitalizada, com foco na relação sexual. São exemplos: as dúvidas ou assuntos sobre qual a idade “certa” ou a “melhor” idade para estabelecer um relacionamento e/ou para a primeira relação sexual, que decisão tomar em caso de gravidez precoce ou indesejada, como fazer uso de métodos contraceptivos e se há um limite, isto é, quantas vezes ao ano pode-se fazer uso da pílula do dia seguinte.

Os/as participantes indicaram também interesse de dialogar sobre diversidade sexual, homossexualidade e relações familiares, relações e estereótipos de gênero, influência da sociedade e da religião na sexualidade, preconceito, violência e repressão sexual na escola. Demonstraram assim, interesse por debates e compreensão de questões sociais, religiosas, psicológicas e institucionais relacionadas à expressão e vivência da sexualidade, pouco discutidas nas escolas, mas, possivelmente, presentes nos diferentes contextos e/ou espaços sociais que fazem parte de suas vidas.

Os temas relações de gênero, homossexualidade, bissexualidade, homofobia, sexualidade e os perigos da Internet, cirurgia para mudança de sexo, aceitação pela família da orientação sexual, como uma pessoa “vira” homossexual e como lidar com o preconceito do(s) outro(s) em relação à expressão da sexualidade, indicam interesses dos/as adolescentes por questões da sexualidade que, provavelmente, fazem parte de debates nas rodas de conversas com os/as amigos/as ou são objeto de problematização em redes sociais digitais, *blogs*, *sites*, filmes, séries, programas da televisão e livros.

De modo geral, os temas e dúvidas apontados acima pelos/as inscritos e participantes da pesquisa, provoca desconforto na maioria dos pais, mães e professores/as, devido seus valores, crenças e/ou histórias de vida. Informações sobre a sexualidade podem ser encontradas com facilidade na mídia, principalmente na Internet, redes sociais digitais e em programas da televisão como novelas, filmes e seriados [3].

No entanto, os adolescentes têm necessidade de falar, de expressar seus medos, angústias e dúvidas, de receber atenção e orientações. Valorizam ser ouvidos nas conversas com o pai, a mãe, os/as professores/as. Dialogar sobre a sexualidade pode significar para alguns, fazer parte do chamado “mundo adulto”.

Ao problematiza o conteúdo, a interação com e entre os/as alunos/as, o tipo de abordagem sobre a sexualidade realizada por professores/as, Britzman [23] considera que o ensino de conceitos e fenômenos é considerado mais importante que o debate e a compreensão de questões íntimas, de problemas relacionados à vivência e expressão da sexualidade, em detrimento da necessidade de “fornecer” respostas “certas”, orientações e informações

“adequadas” e/ou politicamente corretas. Tal perspectiva impede a construção de uma compreensão ampla de sexualidade, de enxergar problemas que circunda e/ou estão presentes no cenário escolar e/ou social, pela falta de coragem, criatividade e, principalmente, de “uma abordagem cuidadosa e ética da sexualidade na educação” [23], de modo que o trabalho pedagógico possa “ajudar os/as estudantes a perceberem a relevância do conhecimento para suas próprias vidas e para o cuidado de si” [23].

É necessário considerar e desenvolver nas ações de educação sexual na escola, temas de interesse e expectativas dos educandos, bem como recapitular os assuntos, as problematizações e os conceitos, dando aos/às mesmos/as oportunidades de rever e discutir um tema em suas diferentes perspectivas, pois educar sexualmente é um processo longo [24].

De modo geral, os adolescentes podem ter diversas dúvidas sobre da sexualidade devido alguns eventos que marcam suas vidas como a menarca, a semenarca, o namoro, o despertar do interesse afetivo e sexual, a primeira relação sexual, a masturbação, o namoro, a relação sexual e, em caso de relações sexuais desprotegidas, os potenciais riscos da gravidez e/ou infecções sexuais. Também, sobre homossexualidade, repressão sexual no meio familiar, na escola e outros espaços sociais, para os quais, nem sempre, encontram oportunidade, abertura e confiança para conversar com um adulto (pai, mãe, professore/a) que se disponibilize a dar informações ou responder suas dúvidas sem rodeio ou deturpar seus interesses e/ou questionamentos.

O diálogo na educação sexual familiar e/ou escolar, por meio de uma comunicação harmoniosa e verdadeira sobre a sexualidade, pode ser uma das tarefas mais complexas e difíceis para muitos pais, mães e/ou professores/as. A família se constitui o espaço adequado, pela segurança e proteção que oferece aos filhos e filhas, para orientar e transmitir valores éticos e morais, inclusive aqueles relacionados à sexualidade, que podem se perpetuar para o resto de suas vidas [25].

O diálogo dos pais/mães com os filhos e/ou filhas a respeito da sexualidade é necessário para a segurança emocional em relação a essa dimensão humana presente em todos as fases da vida. Também, é importante que os filhos e filhas tenham coragem e tomem a iniciativa para dialogar com seus familiares (pai, mãe, tios/as, irmãos/ãs) quando sentirem necessidade. Quando o pai, a mãe e outros membros da família, ou ainda, professores/as oferecem à crianças e/ou adolescentes oportunidade de diálogo franco e respeitoso, crítico, criativo, aberto e livre, orientando, opinando e respondendo dúvidas para além do discurso moralista, médico e preventivo, fortalece vínculos afetivos e contribui para o desenvolvimento

de valores, atitudes, capacidade de discernimento e criticidade em relação à vivência da sexualidade [3].

No entanto, pela visão reducionista de sexualidade tratada apenas como sexo, muitos pais, mães e/ou professores/as preferem silenciar ou ignorar tais questões na educação e formação dos filhos/as e educandos/as, respectivamente, por insegurança e/ou vergonha, amparados em crenças e valores morais hegemônicos, construídos com base em dogmas religiosos e/ou culturais tomados como únicos e verdadeiros [3].

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dos interesses para dialogar e/ou receber informações e orientações sobre questões e aspectos da sexualidade por meio de atividades pedagógicas de Educação Sexual intencional na escola, os/as interessados/as e/ou participantes desta investigação, estudantes adolescentes de uma escola pública de Rio Branco – Acre, revelaram que desejam obter informações sobre sexualidade e gênero para ampliar seus conhecimentos. Também, poder falar abertamente de sexualidade, estar preparados para ter relacionamentos e/ou iniciar a “vida sexual”, fazer uso adequado de métodos contraceptivos como meio de prevenção da gravidez indesejada e das IST, pelo uso adequado de preservativos (masculino e/ou feminino). Esses últimos aspectos com foco no componente biológico e na concepção de sexualidade como genitalidade e relação sexual, geralmente, são objeto de “orientações” e/ou “conversas” dos pais/mães e/ou professores/as de Ciências e Biologia da Educação Básica.

Existem outros interesses dos/as adolescentes quanto a questões e aspectos relativos à expressão e construção da sexualidade e gênero, em sentido amplo, ao longo do desenvolvimento biopsicossocial do indivíduo, a exemplo dos aspectos socioculturais inerentes à orientação sexual e diversidade sexual. Nesse sentido, demonstraram interesses de compreender questões ou aspectos inerentes a valores, crenças e regras que orientam e/ou normatizam a expressão e vivência do gênero e sexualidade nos espaços sociais, como na família e na escola. Especificamente, quanto ao modo dizer/ter a “aceitação” do outro (familiar ou colega) em relação à sua orientação sexual e como evitar diferentes formas de preconceito ou discriminação que afetam aqueles/as que se veem ou se sentem em desacordo como modelo hegemônico e impositivo de “ser homem” e “ser mulher” e, principalmente, da heterossexualidade.

Ao afirmarem que conversam sobre alguns aspectos/questões da sexualidade, preferencialmente, com os/as amigos/as e/ou suas respectivas mães, os/as candidatos e/ou participantes da pesquisa assinalam que não têm obtido da escola, oportunidades para obter informações, orientações e, principalmente, para dialogar sobre diversos enfoques e particularidades da sexualidade e gênero, em sentido amplo, como meio de compreender e ampliar suas concepções e conhecimento de si mesmos/as e dessas dimensões que constituem a personalidade humana.

Na escola onde a pesquisa foi realizada, nos últimos dez anos, pode-se considerar que os únicos momentos que os/as estudantes tiveram oportunidades para discutir sobre questões relacionadas à sexualidade foram, principalmente, durante as aulas de Ciências (anos finais do Ensino Fundamental) e Biologia (Ensino Médio), por ocasião do trabalho pedagógico sobre o sistema endócrino – glândulas sexuais (testículos e ovários), puberdade e adolescência, sistema reprodutor humano, métodos contraceptivos e IST, em seus aspectos conceituais e com base no livro didático. Desse modo, a escola e a família têm desconsiderado interesses e/ou necessidades dos/as adolescentes quanto a uma compreensão mais abrangente sobre gênero e sexualidade, com reflexos no devir e no ressignificar da própria existência humana.

Em se tratando de sexualidade, de modo em geral, adolescentes e jovens carecem de informações e orientações que lhes possibilitem compreender que a sexualidade não se restringe à genitalidade e relação sexual. Que a mesma é uma dimensão humana resultante de uma interação complexa e subjetiva dos componentes social, histórico, cultural, biológico e psicológico ao longo do desenvolvimento humano. Assim, o trabalho pedagógico de educação sexual na escola pode envolver nas conversações, além dos aspectos científicos e conceituais do componente biológico da sexualidade, questões éticas, históricas, culturais, comportamentais e emocionais dos sujeitos envolvidos nesse processo.

Concebemos a escola como um espaço propício para novos aprendizados necessários à vida, ao exercício da cidadania e formação de um sujeito crítico, responsável e consciente dos seus direitos e deveres. Desse sentido, proporcionar aos/às educandos/as atividades pedagógicas de Educação Sexual de forma sistemática, contribui para a construção de novos padrões de aprendizado e convivência, pela ressignificação de conceitos, valores, crenças e práticas que favoreçam uma vivência e expressão da sexualidade livre de sentimento de culpa, preconceito e opressão social [15, 26-27].

## REFERÊNCIAS

- [1]. NUNES, C. A. **Desvendando a sexualidade**. 7ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- [2]. MAIA, A. C. B. **Inclusão e sexualidade**: na voz de pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.
- [3]. BONFIM, C. **Desnudando a educação sexual**. Campinas, SP: Papirus, 2012.
- [4]. TUCKMANTEL, M. M. A sexualidade vai à escola: da informação biológico-reprodutiva à formação do sujeito ético. **Trilhas Pedagógicas**, v. 1, n. 1, p. 38-64, ago, 2011.
- [5]. CAMARGO, E. A. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946. 2009.
- [6]. MACEDO, S. R. H.; MIRANDA, F. A. N. de; PESSOA JUNIOR, J. M.; NÓBREGA, V. Q. de M. Adolescência e sexualidade: *scripts* sexuais a partir das representações sociais. **Rev. Bras Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-109, jan-fev. 2013.
- [7]. MARTINS, C. B. de G.; MOREIRA R. M. F.; MENDES, S. de S.; SOUZA, S. P. S. de; MATOS, K. F. O adolescer e a sexualidade: o conhecimento sobre o próprio corpo. **Rev. Baiana de Saúde Pública**, Salvador, v. 38, n 2, abr-jun, p. 370-386, 2014.
- [8]. MORAES FILHO, A. V.; CARNEIRO, L. C.; PIRES, D. J. Avaliação do conhecimento de alunos do ensino médio sobre distúrbios sexuais na adolescência. **Rev. Unimontes Científica**, Montes Claros, v. 14, n. 2, p. 15-31, jul, 2013.
- [9]. ROMERO, K. T.; MEDEIROS, E. H. G. R.; VITALLE, M. S. S.; WEHBA, J. O conhecimento de adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. **Rev. Associação Medicina Brasileira**, São Paulo, v. 53, n. 1, p. 14-9, 2007.
- [10]. CHAVES, A. C. P.; BEZERRA, E. O.; PEREIRA, M. L. D; WOLFGANG, W. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Rev Bras Enfermagem**, Brasília, v. 67, n.1, p. 48-53, jan-fev, 2014.
- [11]. HUGO, T. D. de O.; MAIER, V. T.; JANSEN, K.; RODRIGUES, C. L. G.; CRUZEIRO, A. L. S.; ORES, L. da C; PINHEIRO, R. T.; SILVA, R.; SOUZA, L. D de M. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 11, p. 2207-2214, nov, 2011.
- [12]. SENEM, C. J.; CORRER, R.; COSTA JUNIOR, F. M. da; CARAMACHI, S.; VASCONCELLOS, S. Vulnerabilidade ao HIV em estudantes de ensino médio de uma escola pública do interior de São Paulo. **Salusvita**, Bauru, v. 33, n. 1, p. 45-55, 2014.
- [13]. SOARES, L. R.; CABERO, F. V.; SOUTO, T. G.; COELHO, R. F. de S.; LACERDA, L. C. M.; MATÃO, M. E. L. Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 76-84, abr/jun, 2015.
- [14]. BORGES, A. L. V.; LATORRE, M. do R. D. de O.; SCHOR, N. Fatores associados ao início da vida sexual de adolescentes matriculados em uma unidade de saúde da família da zona leste do município de São Paulo. Brasil. **Cad Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 7, p. 1583-1594, jul, 2007.

- [15]. UNESCO. **Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: UNESCO, 2014.
- [16]. GONZALEZ REY, F. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- [17]. GONZALEZ REY, F. As configurações subjetivas do câncer: um estudo de casos em uma Perspectiva Construtivo-Interpretativa. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 30, n. 2, 2010, p. 328-345.
- [18]. GONZALEZ REY, F. A configura subjetiva dos processos psíquicos: avançando na compreensão da aprendizagem como produção subjetiva. In: MITJÁNS MARTINEZ, A.; SCOZ, B. J. L.; CASTANHO, M. I. S. (Orgs.). **Ensino e aprendizagem: a subjetividade em foco**. Brasília: Liber Livros, 2012, p. 21-42.
- [19]. MITJÁNS MARTINEZ, A.; GONZÁLEZ REY, L. F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar**: avançando na contribuição da leitura cultural-histórica. São Paulo: Cortez, 2017.
- [20]. ROSSATO, M.; MARTINS, L. R. R.; MITJÁNS MARTINEZ, A. A construção do cenário social da pesquisa no contexto da Epistemologia Qualitativa. In: MITJÁNS MARTINEZ, A.; NEUBERN, M.; MORI, V. D. (Orgs.). **Subjetividade contemporânea**: discussões epistemológicas e metodológicas. Campinas, SP: Alínea, 2014, p. 35-60.
- [21]. MAGALHÃES, C. **Dinâmicas de grupo sobre sexualidade**: atividades para trabalhar com adolescentes. Rio de Janeiro: Wak, 2011.
- [22]. MELO, S. M. M.; CARVALHO, G. D. de; MENDES, P. de O. S. P.; POCOVI, R. M. de S.; SANTOS, V. M. M. **Educação e sexualidade**: caderno pedagógico. 2.ed. rev. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.
- [23]. BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Ed., 2013, p. 83-112.
- [24]. FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: como ensinar no espaço escolar. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009, p. 141-171.
- [25]. NERY, I. S.; FEITOSA, J. J. de M.; SOUSA, A. F. L. de; FERNANDES, A. C. N. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. **Acta Paul Enferm**, v. 28, n. 3, p. 287-292, 2015.
- [26]. FURLANI, G. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- [27]. FIGUEIRÓ, M. N. D. **Formação de educadores sexuais**: adiar não é mais preciso. 2. ed. Londrina, PR: EDUEL, 2014.